
Vamos fazer Música? A Musicoterapia como forte aliada no processo de desenvolvimento de pessoas autistas

Pâmela Silva ROCHA¹

Denise Andrade de Freitas MARTINS²

Resumo: Diante da necessidade de estudos no âmbito acadêmico-científico, e por meio de experiências e conhecimentos advindos do convívio com a comunidade participante de um projeto de extensão universitária intitulado Projeto Escrevendo o Futuro (PEF) – (Re)cortando papéis, criando painéis, este ensaio representa nosso esforço no sentido de refletirmos sobre a relação e a possível contribuição da Musicoterapia no processo de desenvolvimento de pessoas autistas em meio a atividades artísticas. Tendo em vista nossa atuação como estudante de Psicologia e profissional em Educação Musical, buscamos aprofundar os estudos, principalmente no que se refere às implicações e aplicabilidades da Musicoterapia no tratamento dessa síndrome, de modo a ampliar conhecimentos e constatar sua eficiência no desenvolvimento global de pessoas autistas, com vistas à melhoria da comunicação e interação social.

Palavras-chave: Autismo. Musicoterapia. Comunicação. Interação Social.

¹ **Pâmela Silva Rocha.** Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), *campus* Ituiutaba (MG). *E-mail:* <pamela_silvar@hotmail.com>.

² **Denise Andrade de Freitas Martins.** Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), *campus* Ituiutaba (MG). *E-mail:* <denisemartins@netsite.com.br>.

Let's make Music? Music therapy as strong ally in the development process of autistic people

Pâmela Silva ROCHA

Denise Andrade de Freitas MARTINS

Abstract: In face of the need for studies in the academic-scientific field, and through experiences and knowledge that arose from the interaction with a community that participates of a university extension project named Writing the Future Project (WFP) – (Re)cutting papers, creating panels, this essay represents our effort in the sense of making us reflect about the relationship, and possible contribution, of the Music Therapy to the development process of autistic people in an environment of artistic activities. Considering our performance as Psychology student and as Music Education professional, we seek to deepen the research, especially in what concerns to the implications and applicability of Music Therapy to the treatment of this syndrome, in a way that broadens the knowledge and assures its efficiency to the global development of autistic people, in order to improve the communication and social interaction.

Keywords: Autism. Music Therapy. Communication. Social Interaction.

1. INTRODUÇÃO

[...] o fazer artístico propicia à pessoa um trabalho completo, envolvendo o intelecto, os sentidos, a emoção e os conhecimentos adquiridos – os já construídos e os passíveis de mudanças (SCHLINDWEIN, 2015, p. 423).

Sabemos o quanto a arte é potente no desenvolvimento do ser humano, configurando-se em uma complexa rede de funções, dentre as quais se destacam a sensibilidade, percepção, imaginação, linguagem, pensamento e memória. Entretanto, estamos, quase que incansavelmente, a procurar formas de convencimento do quão importante é o convívio com práticas e manifestações artísticas, considerada a diversidade cultural que o mundo nos oferece e apresenta.

Dentre a complexa rede de expressões artísticas, é fato que a música, presente no dia a dia das pessoas, sejam pessoas comuns ou profissionais da música, nos mais diferentes momentos, desde a *performance* ao ato de simplesmente ouvir música no carro, em forma de audição ativa ou passiva, invade o mundo e a vida humana. Ainda, a música é considerada, junto à linguagem, um dos traços específicos do ser humano, já que, embora algumas espécies animais usufruam de tais domínios, somente o ser humano é capaz de possuí-los de forma tão organizada e complexa. Sendo assim, não se pode negar a importância da música em nossas vidas, dada sua onipresença, quando ocupa os mais diferentes lugares, despertando memórias, criando cultura, contribuindo com os processos de formação e desenvolvimento.

De toda forma, a música é compreendida como um “trabalho completo”, parafraseando Schlindwein (2015). Vale lembrar que os estudos em Neurociência vêm contribuindo sobremaneira para o aprofundamento dos conhecimentos e a realização de novos experimentos em diferentes áreas, visando compreender sempre mais e profundamente o comportamento humano e o funcionamento do cérebro.

Nas últimas décadas, esse avanço tem possibilitado uma maior compreensão e visibilidade da relação entre música e sistema nervoso.

Segundo Cunha (2010), mestre em Etnomusicologia pela Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, atualmente, presidente da Associação Baiana de Musicoterapia, a música engloba atividades cerebrais complexas, de modo simultâneo e com ampla difusão, podendo se destacar a percepção auditiva, movimento, memória e linguagem, além daquelas que envolvem as emoções provocadas pela música.

Nas últimas décadas, as neurociências, abrangendo várias áreas do conhecimento, parecem se constituir como bola da vez. Mapear o funcionamento cerebral tem ganhado o status de última fronteira – o buraco negro da mente humana, ao que parece revolver a célebre frase de Einstein: “Deus não joga dados com o Universo”. Não por acaso, a música tem servido como estratégia cartográfica para as neurociências, a bola número oito que, quando tocada, rebate nas demais acertando várias caçapas, da memória à linguagem, das emoções à motricidade, da sensação à cognição (CUNHA, 2010, p. 86).

Sendo assim, muitos autores/as e pesquisadores/as vêm discutindo os efeitos neuroplásticos³ decorrentes do treino/fazer musical.

Zatorre, Belin e Penhume (2002), precursores nos estudos referentes à neurociência e música, detalharam, por exemplo, o processamento de informação auditiva e musical realizado pelo córtex auditivo, além de determinarem a função do hemisfério direito do cérebro no processamento de música.

Ainda, muitos estudos apontam que a música pode ser capaz de intervir em diferentes alterações neurológicas, como afasia, Autismo e dislexia. Portanto, o presente texto trata-se de um ensaio teórico, que, de acordo com Severino (2000), configura-se em um estudo formal, com exposição lógica e reflexiva, além de uma argumentação rigorosa com base em interpretação e julgamento pessoal.

³ A neuroplasticidade refere-se à capacidade do sistema nervoso de alterar algumas das propriedades morfológicas e funcionais em resposta a um dano, como o Alzheimer, ou em resposta a alterações do ambiente externo, como o treino cognitivo, afirmam Haase e Lacerda (2004), profissionais na área de Neuropsicologia.

Severino (2000, p. 207), afirma que: “[...] o ensaio não dispensa o rigor lógico e a coerência de argumentação e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual”.

O principal objetivo deste ensaio concentra-se no esforço de reflexão sobre a relação e, conseqüentemente, a contribuição da Musicoterapia no processo de desenvolvimento de pessoas autistas, considerando-se a possibilidade de melhoria na comunicação e na interação social.

Assim, ao buscarmos aprofundar os estudos sobre as implicações e a aplicabilidade da Musicoterapia em pessoas autistas, esperamos ampliar nossas compreensões na área e na respectiva temática, tendo em vista nossa atuação como pesquisadoras na linha de práticas sociais e processos educativos, particularmente em atividades que envolvem música, teatro e literatura, com base no convívio com a comunidade participante de um projeto de extensão universitária, intitulado *Projeto Escrevendo o Futuro (PEF) – (Re) Cortando Papéis, Criando Painéis*⁴, oportunidade de ampliação de conhecimentos e experiências enquanto estudante de Psicologia e profissional em Educação Musical.

Nessa perspectiva, pesquisas no campo da Musicoterapia vêm ganhando destaque, apresentando-se como uma necessidade no âmbito acadêmico-científico, já que apresentam uma proposta de caráter interdisciplinar.

Dentro da área da Neurologia, pesquisas com o Autismo⁵ também são de extrema relevância científica, visto que este é um transtorno do neurodesenvolvimento, o qual promove impacto direto no âmbito social e na saúde pública.

⁴ Esse projeto visa identificar e compreender os processos educativos decorrentes de práticas musicais dialógicas interculturais, junto à comunidade, com ênfase na cultura do povo brasileiro, contribuindo, assim, com o processo de formação e socialização de estudantes de escola pública, participantes da Educação Integral, por meio de práticas artísticas que envolvem música, teatro e literatura.

⁵ Ao longo deste ensaio, usaremos a palavra “Autismo” com letra inicial maiúscula, por acreditarmos que, mais que uma doença, o Autismo configura-se em uma condição permanente geradora de obstáculos e eliciadora de preconceito, merecendo urgência de estudos e discussões em tempos contemporâneos.

2. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA)

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), ou popularmente conhecido como Autismo, é uma desordem complexa do desenvolvimento do cérebro provocada por anormalidades genéticas, podendo ocorrer antes, durante e até mesmo após o nascimento.

O Autismo é uma condição permanente, ou seja, a criança nasce com Autismo e torna-se um adulto com Autismo. Essa síndrome provoca, principalmente, “[...] prejuízos na interação social, alterações importantes na comunicação verbal e não-verbal e padrões limitados ou estereotipados de comportamentos e interesses, dentre outros sinais e sintomas” (SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015, p. 138).

Comparado a uma pessoa com desenvolvimento considerado típico normal, o Autismo é uma condição que compromete, de modo permanente, a capacidade de comunicação, percepção de acontecimentos compartilhados, expressão do que se sente ou pensa em determinadas situações, o que, de maneira geral, atrapalha gravemente o desenvolvimento da pessoa. Além disso, pessoas autistas apresentam distúrbios sensitivos e perceptivos visuais, auditivos e táteis, assim como forte sensibilidade aos ruídos, luzes, cores e formas de ambientes, o que de certa forma possibilita comportamentos de descontrole social, como rompimento de regras e rotinas.

Uma das principais características clínicas do Autismo é o notório prejuízo da linguagem expressiva, mais especificadamente a fala, podendo haver redução do vocabulário, surgimento de palavras sem significados, e até mesmo perda da fala de palavras já aprendidas, de acordo com os estudos realizados por Freire (2014), musicoterapeuta e mestre em Neurociências.

Ainda, o Autismo pode ocasionar grande impacto no ambiente familiar, pois lidar diariamente com uma pessoa autista demanda um significativo esforço adaptativo, habilidades de enfrentamento e, principalmente, resiliência. Nesse momento, o diagnóstico precoce é o caminho mais eficaz para reduzir a gravidade desse mosaico de problemas.

Na contemporaneidade, o Autismo desvela-se como tema de muita curiosidade e interesse em diversas áreas, como a Saúde e as Neurociências.

De acordo com Freire (2014, p. 12), “[...] sua diversidade fenomenológica e comportamental, as discussões sobre suas possíveis causas e as diferentes propostas de tratamento motivam a pesquisa em diversos campos do conhecimento”.

Desse modo, novas formas de atendimento vêm sendo estudadas, com o intuito de aprimorar meios que estimulem as habilidades afetadas pelo Autismo, de modo a amenizar seus sintomas e melhorar o tratamento.

3. MUSICOTERAPIA NO TEA

A Musicoterapia, segundo a Federação Mundial de Musicoterapia (2016), é o uso profissional da música e de todos os elementos que a constitui como uma forma de interceder em diferentes ambientes – médicos, educacionais e até mesmo no cotidiano – com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, saúde, bem estar físico, emocional, intelectual e espiritual de pessoas, famílias e comunidades.

Durante o processo de intervenção, o terapeuta auxilia o paciente a promover sua própria saúde, utilizando experiências musicais de forma ativa por meio de várias atividades, como audição e composição, por exemplo.

O terapeuta escolhe determinada atividade com base na necessidade clínica do paciente, bem como por suas habilidades, gostos e ideias sobre a música (Federação Mundial de Musicoterapia, 2016). O atendimento musicoterapêutico às pessoas autistas está cada vez mais presente no Brasil e, também, em vários outros países, como Argentina, Estados Unidos e Inglaterra.

No Brasil, o primeiro curso de Especialização em Musicoterapia surge em 1970 na Faculdade de Artes do Paraná e o primeiro curso de Graduação, no Rio de Janeiro no Conservatório Brasileiro

de Música, em 1972, de acordo com Puchivailo e Holanda (2014), especialistas em Psicologia e Musicoterapia.

Barcellos (2009), aluna da primeira turma de Graduação no Conservatório Brasileiro de Música e uma das grandes referências em pesquisas na área de Musicoterapia no Brasil, afirma: “O desenvolvimento histórico da Musicoterapia deve levar em consideração que a utilização da música como elemento terapêutico não é recente” (BARCELLOS, 2009, p. 5). Segundo ela, a aplicabilidade da música como forma de tratamento pode ser compreendida como uma transformação das práticas religiosas, ainda hoje encontradas em algumas tribos e sociedades.

Craveiro de Sá (2003), doutora em Comunicação e Semiótica, aponta alguns dos principais objetivos clínicos musicoterapêuticos em pessoas autistas: capacidade de comunicação e autoexpressão; diminuição e/ou extinção de comportamentos patológicos indesejáveis, como isolamento e hiperatividade; remoção de obstáculos emocionais e/ou cognitivos existentes; desenvolvimento da comunicação, da interação social e da atenção.

Nesse sentido, trazemos a compreensão de Freire (2014), ao realizar seus estudos sobre o efeito da Musicoterapia em crianças autistas, constatando resultados positivos:

Os efeitos da Musicoterapia Improvisacional foram positivos para os sujeitos atendidos. Os ganhos aparecem tanto nos aspectos da saúde da criança (melhoras comunicação, socialização e comportamentos em geral) quanto no aspecto musicoterapêutico (desenvolvimento da comunicabilidade musical da criança e da relação terapeuta-cliente) (FREIRE, 2014, p. 48).

Apesar de avaliar em seus estudos outros aspectos que constituem dificuldades no Autismo, como percepção sensorial e comportamentos estereotipados, Freire (2014) ressaltou, no entanto, a correlação positiva encontrada entre as atividades musicais e o aumento da comunicabilidade, bem como da interação social, afirmando: “Evidências significativas corroboram o papel da Musicoterapia em promover o desenvolvimento de comunicação e socialização” (FREIRE, 2014, p. 6).

O sucesso da Musicoterapia no tratamento de pessoas autistas, principalmente nas habilidades comunicacionais e interacionais, deve-se ao fato da constatação de ativações significativas das áreas cerebrais ligadas à fala, aumentando respectivamente as conexões entre essas áreas, o que, segundo Freire (2014), proporciona melhoria na comunicação e na interação social em pessoas autistas. Baseadas, principalmente em Freire (2014), observamos, em nossos estudos, que a Musicoterapia se revela como uma área extremamente importante e essencial no tratamento de pessoas autistas, quando aumenta habilidades de comunicação e de interação social.

Sampaio, Loureiro e Gomes (2015), pesquisadores na área de Musicoterapia e Neurociência, confirmaram resultados semelhantes em suas pesquisas. Tal fato contribui para o desenvolvimento de pessoas autistas, uma vez que diminui comportamentos inadequados em decorrência do desenvolvimento geral de habilidades.

Conseqüentemente, os resultados desses estudos minimizam obstáculos e quebram barreiras como o preconceito, abrindo caminhos em tempos de modernidade.

4. ALGUMAS REFLEXÕES

Consideradas as últimas décadas, com base nos autores/as apresentados em nossos escritos, são muitos os estudos que buscam apresentar e evidenciar as contribuições da música para a área da Neurociência, uma vez que visam entender os efeitos provocados pela música nas pessoas e seu impacto no funcionamento do organismo humano, do cérebro em particular.

Dessa forma, consideramos que existe um número significativo de literatura na área de Musicoterapia e Neurociências, e em língua portuguesa, o que nos parece ser uma mola propulsora de trabalhos em clínica musicoterapêutica, compreendidos como uma forma de beneficiar o tratamento de pessoas autistas.

Por isso, reforçamos a ideia de que a Musicoterapia, por meio de atividades prazerosas e motivacionais, contribui sobremaneira na estimulação de pessoas autistas, despertando o interesse e a aten-

ção, facilitando, assim, o alcance dos objetivos terapêuticos propostos.

Fica o convite: Vamos fazer Música?

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.; OLIVEIRA, L. Estresse e enfrentamento em pais de pessoas com necessidades especiais. *Psicologia e Pesquisa*, v. 2, n. 2, p. 36-50, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v2n2/v2n2a05.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

BARCELLOS, L. R. M. *A música como metáfora em musicoterapia*. 2009. 232f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://www.unirio.br/ppgm/arquivos/teses/lia-rejane>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

CARIA, A.; VENUTI, P.; FALCO, S. Functional and dysfunctional brain circuits underlying emotional processing of music in autism spectrum disorders. *Cerebral Cortex*, v. 21, n. 12, p. 2838-2849, 2011. Disponível em: <<http://cercor.oxfordjournals.org/content/21/12/2838.full.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

CUNHA, L. C. M. A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana. In: *Anais do ENPEMT. X Encontro de Pesquisa em Musicoterapia*. Salvador, 2010, p. 86-96. Disponível em: <<https://asbamt.files.wordpress.com/2011/08/anais-completos-x-enpemt.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA. *O que é musicoterapia?* Disponível em: <<http://www.wfmt.info/wfmt-new-home/about-wfmt/>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

FREIRE, M. H. *Efeitos da Musicoterapia improvisacional no tratamento de crianças com transtorno do espectro do autismo*. 2014, 75f. Dissertação (Mestrado em Neurociências) – Programa de Pós-graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9PFJSA/dissertacao_marina_horta_freire.pdf?sequence=1>. Acesso em: 1 mar. 2017.

HAASE, V. G.; LACERDA, S. S. Neuroplasticidade, variação interindividual e recuperação funcional em neuropsicologia. *Temas em Psicologia*, v. 12, n. 1, p. 28-42, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a04.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

- LAI, G. et al. Neural systems for speech and song in Autism. *Brain*, v. 135, p. 961-975, 2012. Disponível em: <http://www.fmri.org/publications/Lai_Pantazatos_Neural_Systems_for_speech.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2016.
- PUCHIVAILO, M. C.; HOLANDA, A. F. A história da Musicoterapia na Psiquiatria e na saúde mental: dos usos terapêuticos da música à Musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, v. 16, n. 16, p. 122-142, 2014. Disponível em: <<http://biblioteca-da-musicoterapia.com/biblioteca/arquivos/artigo/Mari%20A%20hístria%20da%20Musicoterapia%20na%20Psiquiatria%20e%20na%20Sde%20Mental-.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. *Per musi*, n. 27, p. 132-140, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pm/n27/n27a12.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2016.
- RODRIGUES, A. C. O. *Efeito do treinamento musical em capacidades cognitivas visuais: atenção e memória*. 2012. 145f. Tese (Doutorado em Neurociência) – Programa de Pós-graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte. 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8VWVKVQ/tese_de_doutorado___final___ap_s_defesa___ana_carolina_oliveira_e___rodrigues.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- SÁ, L. C. *A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2003.
- SAMPAIO, R. T.; LOUREIRO, C. M. V.; GOMES, C. M. A. A Musicoterapia e o transtorno do espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. *Per musi*, n. 32, p. 137-170, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pm/n32/1517-7599-pm-32-0137.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2016.
- SCHLINDWEIN, L. M. As marcas da arte e da imaginação para uma formação humana sensível. *Cadernos CEDES*, v. 35, n. especial, p. 419-433, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35nsp/1678-7110-ccedes-35-spe-00419.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2016.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000. Disponível em: <http://sta.pro.br/livros/18%20-%20SEVERINO_Ant%C3%B4nio_Joaquim_Metodologia_Trabalho_Cient%C3%ADfico_2010.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- ZATORRE, R. J.; BELIN, P.; PENHUME, V. B. Structure and function of auditory cortex: music and speech. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 6, n. 1, p. 37-46, 2002. Disponível em: <http://psych.concordia.ca/fac/penhume/publications/zatorre_tics_02.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2016.